

Saídas profissionais Apelo de Passos Coelho à emigração de professores abre polémica

Candidatos à emigração procuram novos mercados

A fuga de profissionais qualificados não é nova, mas é cada vez mais difícil, pela falta de alternativas na Europa - a crise é generalizada

Graça Barbosa Ribeiro e João Ramos de Almeida

● A sugestão do primeiro-ministro de que os professores deviam olhar para os países de língua portuguesa como uma alternativa ao desemprego em Portugal, voltou a chamar a atenção para o fenómeno da emigração. Mas, segundo João Peixoto, investigador do Instituto Superior de Economia e Gestão, “a atenção política e mediática em relação a este fenómeno é o único dado novo”. “Para tomar a decisão de emigrar não basta estarmos mal aqui, é preciso que tenhamos para onde ir”,

comenta o professor, que acredita que a saída de profissionais qualificados do país, em 2011, não foi “muito superior” à que se tem verificado anualmente, ao longo da última década.

A abertura das fronteiras, na Europa, não permite trabalhar com dados rigorosos sobre a entrada e saída de cidadãos nos diversos países. Uma ressalva feita por João Peixoto que, no entanto, considera que se sabe o suficiente para adivinhar que “não estará em curso uma emigração em massa”. “Os fenómenos migratórios verificam-se quando há uma oferta evidente de emprego num determi-

Sector da construção fez disparar desemprego nos últimos meses



Sete casos

Médicos

Desemprego já é realidade

O bastonário da Ordem dos Médicos, José Manuel Silva, declara que as perspectivas são “muito más”. No SNS as contratações estão suspensas desde Setembro e no sector privado há um excesso da capacidade instalada. O bastonário afirma que o desemprego médico “já é uma realidade” e antecipa uma situação “cada vez mais dramática”, devido ao que diz ser um “desinvestimento na saúde”. “Estamos a formar os técnicos mais caros para depois os exportar, o que não faz sentido”, critica.

José Manuel Silva caracteriza as opções políticas como “despesismo puro” e considera as afirmações de Passos Coelho “profundamente infelizes”. Deixa ainda uma nota de “espanto e indignação”, criticando a diminuição do SNS e o aumento das listas de espera e, por outro lado, a exportação de profissionais altamente qualificados. “É um absurdo”, diz.

Dentistas

Solução é a Europa

O bastonário dos médicos dentistas, Orlando Monteiro da Silva, nota que a tendência de emigração tem alguns anos, pois o mercado não consegue absorver todos os licenciados. Os dentistas emigram sobretudo para a Europa, mas o Reino Unido, Suécia, Suíça, Noruega ou Espanha são os destinos mais escolhidos. O bastonário estima que só no Reino Unido estejam já cerca de 600 dentistas, sendo este o país mais apetecido. Uma das vantagens da Europa é o reconhecimento profissional imediato. “Os portugueses são procurados pela excelente qualificação profissional, facilidade com as línguas, e facilidade de adaptação”, afirma. O “grande desafio”, admite, é referenciar os profissionais qualificados e tentar que depois regressem. Em relação às declarações de Passos diz que a emigração não é “uma fatalidade”, mas preferia que em Portugal houvesse mais oportunidades.

Enfermeiros

Exportação “a custo zero”

Germano Couto foi recentemente eleito bastonário da Ordem dos Enfermeiros e tomará posse em Janeiro. Admite que as perspectivas “não são animadoras” e considera “ridículo” que Portugal exporte enfermeiros “a custo zero”. Os destinos mais escolhidos são o Reino Unido, Irlanda, Suíça e Espanha, países onde o reconhecimento académico é imediato. Quanto às declarações de Passos Coelho, considera-as de uma “falta de visão política e estratégica lamentável”. “Preocupa-me que o primeiro-ministro Pedro Passos Coelho veja a emigração como solução, porque Portugal deve investir no seu território antes de pensar na emigração”, afirma.

A bastonária ainda em funções, Maria Augusta Sousa, alerta para o conjunto cada vez maior de enfermeiros que procura trabalho no estrangeiro. “O Estado português fica mais pobre”, declara.

Farmacêuticos

Excesso de cursos superiores

O bastonário dos Farmacêuticos, Carlos Maurício Barbosa, desvaloriza as afirmações do primeiro-ministro Pedro Passos Coelho e diz que “têm algum sentido, porque em Portugal não há muitas oportunidades”. O bastonário Carlos Maurício Barbosa critica o excesso de cursos superiores e diz que há demasiados farmacêuticos (cerca de 900 saem anualmente com formação superior). O bastonário prevê que os próximos anos, à semelhança de 2011, sejam “muito problemáticos”. Há já um conjunto de farmacêuticos a emigrarem, sendo que o Reino Unido é o destino mais escolhido. “É um grande empregador de farmacêuticos portugueses”, diz. O bastonário sublinha que os farmacêuticos portugueses estão “muito bem preparados”, dominam com facilidade o inglês “são muito pretendidos” no Reino Unido. “Penso que este fluxo [de emigração] irá aumentar”, afirma.

Professores

12.500 desempregados

O que mais indigna os representantes dos professores na sugestão de emigração feita pelo primeiro-ministro é aqueles acreditarem que em Portugal “não há docentes a mais”. “O desemprego, que atinge já cerca de 12.500 pessoas e aumentará brutalmente para o ano, não resulta de excesso de profissionais, mas de medidas que prejudicam a qualidade da Educação e visam expressamente afastar professores da escola”, considera Mário Nogueira, dirigente da Fenprof. Pela mesma razão, Lucinda Dâmaso, da Federação Nacional de Educação, acredita que “a questão da emigração não se coloca”. Ambos defendem que, se um dia vier a ser equacionada, terá de ser organizada pelo Estado, mediante protocolos de cooperação. “Os cálculos que têm de ser feitos para projectar o pilar de uma ponte são iguais aqui, no Brasil ou em Angola, mas nós trabalhamos com pessoas”, diz Nogueira.



nado país. Assim se explica que anos 80 tenha havido um surto para a Suíça, na década de 90 para a Alemanha e entre 2000 e 2008 para Espanha. Mas... e agora? As pessoas emigram para onde? Não é fácil encontrar para onde mudar - o problema é generalizado", comenta.

João Peixoto considera que a sensibilidade aos primeiros sinais da crise por parte de profissionais qualificados não é de agora, e os representantes de várias ordens profissionais contactados pelo PÚBLICO, confirmam-no. Enfermeiros, farmacêuticos e médicos-dentistas, por exemplo, têm tido na Europa o destino privilegiado. Engenheiros civis e arquitectos, já ocuparam países europeus, e só agora, com a especial pressão do desemprego no sector da construção civil, se começam a virar para destinos mais distantes, mas onde a oferta de emprego é uma realidade: Brasil e Angola.

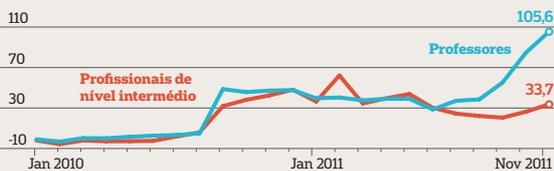
"A decisão de sair do nosso país não é fácil - é pesada, dolorosa. Não é por um político afirmar que as pessoas devem fazê-lo que a emigração acontece", disse João Peixoto, que se escusou a fazer mais comentários às declarações de Passos Coelho, que classificou como "nada frequentes, num governante". Na sua perspectiva, mais do que a indicação "seja de quem for", pesa naquela decisão o aumento da taxa de desemprego. O que, tudo indica, é o que vai acontecer.

A fazer fé nos dados dos centros de emprego do IEFPP, são os serviços e a construção que estão a marcar o ritmo da subida do desemprego. Depois de um leve abrandamento, o número de desempregados vindos do sector dos

Desemprego registado nos centros de emprego

Variação homóloga em percentagem

Desemprego toca cada vez mais professores ...



... engenheiros ...



... e profissionais da saúde.



Fonte: IEFPP

serviços estava, em Novembro passado, a crescer 9,4% face a 2010, contra uma ligeira subida de 0,5% na indústria e mesmo uma quebra de 5,2% na agricultura. O número dos desempregados vindos da construção estava, nessa altura, a subir já a um ritmo de 11,3%. Ou seja, mais 70 mil novos desempregados face a Novembro de 2010. Uma evolução que contagiou um conjunto de actividades ligadas à construção. As actividades imobiliárias e de consultoria do sector contribuíram com mais 83 mil novos desempregados, um crescimento de 20% face ao mesmo período de 2010.

Finalmente, o Estado. Desde Junho de 2009 que os serviços públicos têm contribuído para a subida do desempregado. O ritmo da subida de desempregados vindos dos serviços públicos atenuou-se desde Outubro de 2010 até Junho deste ano (de 26,3 para 2,3% de variação homóloga), mas voltou desde então a acelerar fortemente. Em Novembro passado, a variação estava de novo em 18,9% face ao mesmo período de 2010. Ou seja, mais 46 mil novos desempregados quando comparados com os do mesmo período de 2010.

Engenheiros

'Está a sair gente que faz falta'

O bastonário da ordem dos Engenheiros, Carlos Matias Ramos, estava habituado a referir-se à deslocação de profissionais para o estrangeiro como "experiências de internacionalização", mas admite que, embora lhe "custe", tem de passar a utilizar o termo "emigração". Refere-se, principalmente, aos engenheiros civis que, devido à estagnação do investimento em obras públicas, têm escolhido como destinos o Brasil, Angola e Moçambique. "Um fenómeno dramático", avalia, "e não só do ponto de vista individual, de quem se vê forçado a abandonar Portugal por falta de alternativas".

Diz o bastonário que "é importante que o Governo compreenda as consequências, em termos nacionais, da saída dos engenheiros mais qualificados". "No momento de crescimento da economia esta gente vai fazer uma falta imensa ao país", avisa.

Arquitectos

Brasil e Angola são opções

Ainda não há dados definitivos, mas Marco Roque Antunes, da direcção da Ordem dos Arquitectos, não tem dúvidas de que este ano o número de certificados para a prática profissional da arquitectura no estrangeiro vai crescer até às três centenas. Com uma particularidade: se durante muitos anos Espanha foi o destino de eleição, desde 2008 a par com o Reino Unido, agora a maior parte dos arquitectos opta pelo Brasil e por Angola.

"Temos a sensação de que não são saídas pontuais, mas opções de vida", lamenta. Sem esperar pela sugestão do primeiro-ministro Pedro Passos Coelho sobre a emigração, que Marco Roque Antunes se escusou a comentar, a ordem já tratou de integrar o Conselho Internacional dos Arquitectos de Língua Portuguesa, para facilitar a adaptação dos profissionais aos países de destino.

Saídas profissionais

Emigrar para onde? A crise é generalizada

● A sugestão de Passos Coelho de que os professores deviam emigrar foi ontem rebatida por João Peixoto, investigador do ISEG. “Para tomar a decisão de emigrar não basta estarmos mal aqui, é preciso que tenhamos para onde ir”, diz, alertando que a saída de profissionais qualificados, em 2011, não foi “muito superior” à da última década. → Portugal, 8/9